



NEUROARQUITETURA E FENOMENOLOGIA: O VISÍVEL E O INVISÍVEL NA EXPERIÊNCIA SENSORIAL DO AMBIENTE CONSTRUÍDO

10.62506/phs.v6i2.255

Neuroarchitecture and Phenomenology: The Visible and the Invisible in the
Sensory Experience of the Built Environment

LORÍ CORRÊA CRÍZEL*

Neuroarquitectura y Fenomenología: Lo Visible y lo Invisible en la Experiencia
Sensorial del Ambiente Construido

Resumo: Este artigo investiga a intersecção entre neuroarquitetura e fenomenologia, centrando-se na obra de Maurice Merleau-Ponty, especialmente em *Le Visible et l'Invisible*. A neuroarquitetura, que une neurociência e arquitetura, examina como o ambiente construído afeta o cérebro e o comportamento humano. A fenomenologia de Merleau-Ponty, com seu enfoque na intercorporeidade e na percepção incorporada, oferece uma significativa base teórica para compreender as interações entre corpo, espaço e experiência sensorial. O artigo discute como o corpo molda a percepção espacial e como a experiência estética no espaço construído transcende a mera visualidade, envolvendo uma profunda interação sensorial e emocional com o ambiente. Também são exploradas as implicações dessas ideias na prática da neuroarquitetura, propondo uma abordagem que considera o espaço como uma extensão do ser humano, capaz de influenciar e ser influenciado pelas experiências perceptivas e existenciais. Assim, sugere-se uma arquitetura mais sensível, que não só atende às necessidades funcionais, mas também eleva a qualidade de vida, promove a conexão humana e enriquece a experiência de estar no mundo.

Palavras-chave: Experiência Sensorial; Fenomenologia; Merleau-Ponty; Neuroarquitetura; Percepção.

Abstract: This article investigates the intersection between neuroarchitecture and phenomenology, focusing on the work of Maurice Merleau-Ponty, particularly in *Le Visible et l'Invisible*. Neuroarchitecture, which merges neuroscience and architecture, examines how the built environment affects the brain and human behavior. Merleau-Ponty's phenomenology, emphasis on intercorporeality and embodied perception, provides a significant theoretical foundation for understanding the interactions between body, space, and sensory experience. The article discusses how the body shapes spatial perception and how the aesthetic experience in the built environment transcends mere visibility, involving a profound sensory and emotional interaction with the environment. The implications of these ideas for the practice of neuroarchitecture are also explored, proposing an approach that considers space as an extension of the human being, capable of influencing and being influenced by perceptual and existential experiences. Thus, a more sensitive architecture is suggested, one that not only meets functional needs but also enhances the quality of life, promotes human connection, and enriches the experience of being in the world.

Keywords: Sensory Experience; Phenomenology; Merleau-Ponty; Neuroarchitecture; Perception.

Resumen: Este artículo investiga la intersección entre neuroarquitectura y fenomenología, centrándose en la obra de Maurice Merleau-Ponty, especialmente en *Le Visible et l'Invisible*. La neuroarquitectura, que une neurociencia y arquitectura, examina cómo el ambiente construido afecta el cerebro y el comportamiento humano. La fenomenología de Merleau-Ponty, con su enfoque en la intercorporeidad y la percepción incorporada, ofrece una base teórica significativa para comprender las interacciones entre cuerpo, espacio y experiencia sensorial. El artículo discute cómo el cuerpo moldea la percepción espacial y cómo la experiencia estética en el ambiente construido trasciende la mera visualidad, involucrando una profunda interacción sensorial y emocional con el entorno. También se exploran las implicaciones de estas ideas en la práctica de la neuroarquitectura, proponiendo un enfoque que considera el espacio como una extensión del ser humano, capaz de influir y ser influenciado por las experiencias perceptivas y existenciales. Así, se sugiere una arquitectura más sensible, que no solo satisfaga las necesidades funcionales, sino que también eleve la calidad de vida, promueva la conexión humana y enriquezca la experiencia de estar en el mundo.

Palabras-clave: Experiencia Sensorial; Fenomenología; Merleau-Ponty; Neuroarquitectura; Percepción.

* Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Toledo/PR. Email: loricrizel@icloud.com . Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8366-8933>



Introdução

A relação entre o ser humano e o espaço construído é um tema de profunda relevância, especialmente no campo da neuroarquitetura, o qual se dedica a trazer as contribuições das neurociências para a prática projetual em arquitetura, tendo como intuito proporcionar experiências qualificadas e positivas aos usuários dos espaços construídos. Neste contexto, busca-se explorar como conceitos fundamentais da fenomenologia, particularmente os desenvolvidos por Merleau-Ponty, podem informar e enriquecer a prática da neuroarquitetura, oferecendo uma perspectiva mais integrada e sensível sobre a maneira como os espaços são projetados e experimentados.

Embora o foco deste trabalho seja *O Visível e o Invisível*, é importante notar que a obra marca uma transição crítica no pensamento de Merleau-Ponty, em que ele começa a questionar o método fenomenológico, evidenciando principalmente no terceiro capítulo e nas notas de trabalho que sobreviveram. Este movimento gerou o debate sobre se *O Visível e o Invisível* constitui uma ontologia fenomenológica ou outra ontologia. Assim, ao mencionar ‘fenomenologia de Merleau-Ponty’, este estudo adota o termo em um sentido amplo, alinhando-se às discussões sobre percepção e corpo ao longo de sua obra, mas sem desconsiderar as críticas ao método fenomenológico em seus últimos escritos.

Obras anteriores, como *Fenomenologia da Percepção* (1945), possuem um alinhamento mais explícito com o método fenomenológico, e sua ausência aqui deve ser entendida como uma escolha voltada ao foco em *O Visível e o Invisível*. Contudo, as ideias de *Fenomenologia da Percepção* informam indiretamente muitas das discussões apresentadas, especialmente no que diz respeito à experiência corporal e à interação com o espaço. Essa delimitação visa evitar a sinonímia indiscriminada entre filosofia e fenomenologia, reconhecendo a evolução do pensamento de Merleau-Ponty.

O problema que orienta este trabalho está na necessidade de compreender como os conceitos fenomenológicos de Merleau-Ponty, particularmente em *Le Visible et l'Invisible*, podem ser aplicados para enriquecer a prática da neuroarquitetura. Apesar do crescente interesse pela relação entre espaço construído e percepção sensorial, ainda há uma lacuna teórica sobre como as ideias de Merleau-Ponty podem oferecer uma base para uma abordagem mais sensível e integrada à experiência humana no ambiente arquitetônico.

A neuroarquitetura, ao considerar o impacto do espaço físico e do ambiente construído sobre o cérebro e o comportamento humano, revela-se como uma prática que vai além das preocupações estéticas e funcionais tradicionais, abrangendo também aspectos perceptivos e sensoriais. John P. Eberhard, fundador da *Academy of Neuroscience for Architecture* (ANFA), foi um dos pioneiros no estudo das interfaces entre neurociência e arquitetura. Ele explora como o espaço arquitetônico pode alterar diretamente a função cerebral e o comportamento, reforçando a importância de uma abordagem que vá além da estética e funcionalidade tradicional. Sua obra, *Brain Landscape: The Coexistence of Neuroscience and Architecture* (2009), complementa a visão fenomenológica de Merleau-Ponty, que entende o espaço como um participante ativo na experiência humana. Como Eberhard aponta:

O que toda essa informação sobre neurociência tem a ver com arquitetura? Eu sustento que o projeto arquitetônico pode mudar nossos cérebros e comportamentos. As estruturas no ambiente — as casas em que vivemos, as áreas onde brincamos, os edifícios onde trabalhamos — afetam nossos cérebros, e nossos cérebros afetam nosso comportamento. Ao projetar as estruturas em que vivemos, os arquitetos estão afetando nossos cérebros. Os diferentes espaços em que vivemos e trabalhamos estão mudando as estruturas de nossos cérebros e nossos comportamentos, e isso já vem acontecendo há muito tempo. (Eberhard, 2009, p. xiv, tradução nossa).

Assim, a neuroarquitetura se debruça sobre a experiência perceptiva e emocional do ser humano, investigando como o espaço pode moldar e ser moldado por nossas interações corporais, percepções sensoriais e experiências emocionais. Nesse sentido, a fenomenologia de Merleau-Ponty, com seu foco na intercorporeidade e na percepção incorporada, oferece uma base teórica significativa para entender essas complexas interações.

Merleau-Ponty nos ensina que o corpo não é um mero receptor passivo do espaço, mas o ponto de ancoragem a partir do qual toda experiência espacial se desenrola. A percepção, mediada pela presença física e pelo movimento, torna-se uma experiência dinâmica e relacional, onde o ambiente é continuamente recriado através de nossas interações com ele. Além disso, a intercorporeidade, ou a conexão profunda entre as experiências corporais dos indivíduos, sublinha a importância da empatia e da experiência compartilhada no espaço construído. A afirmação de que “a experiência do meu corpo e a do outro são, na verdade, os dois lados de um mesmo Ser” (Merleau-Ponty, 1964, p. 274, tradução nossa) exemplifica essa ideia, sugerindo que o espaço não



é apenas habitado, mas compartilhado e co-construído através de nossas relações com os outros.

A estética, por sua vez, não pode ser dissociada dessas considerações. Ela não se limita à superfície do espaço, mas permeia a experiência sensorial e emocional de quem o ocupa. Merleau-Ponty observa que “o ser e a verdade massivos fervilham de detalhes impossíveis” (Merleau-Ponty, 1964, p. 19, tradução nossa), indicando que a experiência estética é composta de inúmeros elementos que, juntos, criam uma malha rica de sensações e significados. A arquitetura, nesse contexto, enquanto promotora de uma espacialidade a ser vivenciada, atua como uma forma de expressão que não só acomoda o corpo, mas também engaja os sentidos, promove a empatia e fortalece o sentido de pertencimento.

Este estudo teórico é baseado em uma revisão bibliográfica direcionada, com foco na interface entre a fenomenologia de Merleau-Ponty e a neuroarquitetura. Foram selecionadas obras fundamentais como *Le Visible et l'Invisible*, de Merleau-Ponty, e textos de referência em neuroarquitetura, incluindo as contribuições de John P. Eberhard, Juhani Pallasmaa e Harry Francis Mallgrave. Os critérios de seleção incluíram a relevância teórica para o tema proposto e a capacidade dos textos de dialogarem com o objetivo de integrar teoria fenomenológica à prática arquitetônica.

Nesse interim, portanto, propõe-se a integrar essas dimensões do corpo, percepção, intercorporeidade e estética na prática da neuroarquitetura. Ao fazê-lo, o intuito é oferecer uma visão mais completa e sensível do espaço construído, reconhecendo-o como uma extensão do ser humano, capaz de influenciar e ser influenciado por nossa experiência perceptiva e existencial. Por meio da perspectiva fenomenológica adotada neste estudo, busca-se contribuir para o desenvolvimento de espaços que integrem funcionalidade e bem-estar, promovendo uma conexão mais profunda entre os indivíduos e os ambientes que habitam.

O objetivo geral deste trabalho é investigar como os conceitos centrais da fenomenologia, especialmente a partir da obra *Le Visible et l'Invisible* de Maurice Merleau-Ponty, podem informar e enriquecer a prática da neuroarquitetura. Especificamente, busca-se: (1) explorar como a fenomenologia pode oferecer uma perspectiva mais integrada e sensível à maneira como os espaços são projetados e experimentados, e (2) contribuir para o desenvolvimento de espaços que atendam às necessidades funcionais e que elevem a qualidade de vida, promovam a conexão humana e enriqueçam a experiência de estar no mundo.

Embora o conceito de espaço tratado neste trabalho seja fundamentado na fenomenologia de Merleau-Ponty, é relevante destacar que outras abordagens, como a neuroarquitetônica, geralmente enfatizam a dimensão funcional e perceptiva do espaço arquitetônico. A perspectiva merleau-pontyana, por sua vez, transcende essa dimensão ao compreender o espaço como uma entidade relacional, vivida e incorporada. Essa distinção será abordada ao longo do texto para evitar possíveis confusões epistemológicas.

A Fenomenologia do Corpo e do Espaço

Na obra em tela de Maurice Merleau-Ponty, *Le Visible et l'Invisible* (1964), o corpo é central para a compreensão da percepção e da experiência do espaço. O corpo é mais do que uma entidade física, é o ‘veículo do ser no mundo’, mediando nossa interação com o espaço percebido e com o ambiente ao nosso redor. A percepção é, portanto, uma função corporal, profundamente enraizada em nossa presença física no mundo.

O autor afirma que “a reflexão não é a identificação consigo mesmo (pensamento de ver ou sentir) mas a não-diferença consigo mesmo = identificação silenciosa ou cega” (Merleau-Ponty, 1964, p. 254, tradução nossa). Essa visão sugere que nossa percepção está intrinsecamente entrelaçada com nossa experiência corporal, de modo que nossa compreensão do mundo é sempre mediada pela nossa presença física e pelas interações que temos com o ambiente. O corpo, nesse sentido, passa então a ser considerado não como uma entidade física, mas sim servindo como um meio pelo qual nos envolvemos com o mundo ao nosso redor. Merleau-Ponty, em *O Visível e o Invisível*, amplia a compreensão da “atitude categorial” ao relacioná-la diretamente à experiência concreta do corpo, destacando que a percepção é uma abertura ao mundo que já inclui uma síntese implícita das coisas percebidas, superando a fragmentação inicial dos dados sensíveis (Merleau-Ponty, 1964). Essa abordagem evidencia que, para Merleau-Ponty, a percepção não se limita à apreensão sensorial direta, mas envolve uma racionalidade concreta, capaz de integrar elementos abstratos e relacionais ao vivido.

Essa perspectiva merleau-pontyana, que compreende a percepção como uma síntese concreta e relacional, oferece uma base significativa para discutir como a experiência espacial é vivida de maneira integrada e fenomenológica. Essa abordagem encontra ressonância em Juhani Pallasmaa, renomado arquiteto e teórico finlandês, e uma das vozes mais influentes na discussão sobre a percepção sensorial na arquitetura e, portanto, no campo da neuroarquitetura. Em sua obra *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses* (2012), Pallasmaa argumenta que a arquitetura deve engajar todos os sentidos, não apenas a visão, para criar uma experiência espacial verdadeiramente integrada. Ele destaca que a experiência fenomenológica no espaço arquitetônico transcende a percepção sensorial imediata, englobando memória, emoção e conexão corpórea com o ambiente. Essa visão se conecta diretamente com a ideia de Merleau-Ponty de que o corpo é o ponto de ancoragem da percepção espacial, estabelecendo uma relação dinâmica e contínua entre o ser humano e o espaço que habita. Como observa:

As experiências sensoriais tornam-se integradas através do corpo, ou melhor, na própria constituição do corpo e no modo de ser humano. A teoria psicanalítica introduziu a noção de imagem corporal ou es-



queima corporal como o centro de integração. Nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o ambiente; o mundo e o eu informam e redefinem um ao outro constantemente. A percepção do corpo e a imagem do mundo se transformam em uma única e contínua experiência existencial; não há corpo separado de seu domicílio no espaço, e não há espaço não relacionado à imagem inconsciente do eu que percebe. (Pallasmaa, 2012, p. 44, tradução nossa).

Assim, tem-se que a percepção espacial também é moldada pelo corpo, que fornece um ponto de referência fixo em nossa experiência do espaço. Merleau-Ponty descreve o espaço primordial como “topológico”, indicando que nossa compreensão do espaço é moldada por nossa presença corporal dentro dele. Ele observa que “o espaço primordial é topológico (ou seja, talhado em uma voluminosidade total que me cerca)” (Merleau-Ponty, 1964, p. 263, tradução nossa), refletindo como nossos corpos definem nossas relações espaciais. O corpo nos permite interagir com o espaço, além de criar uma estrutura pela qual interpretamos relações e distinções espaciais. A centralidade do espaço topológico em Merleau-Ponty reforça que a percepção é sempre situada e relacional, estabelecendo uma base fenomenológica que informa diretamente as discussões aqui propostas sobre neuroarquitetura.

O autor prossegue e nos apresenta que “Há um ponto de fixação que não se move nos movimentos do meu corpo” (Merleau-Ponty, 1964, p. 280, tradução nossa). Esse “ponto de referência fixo” que o corpo fornece é crucial para a percepção do espaço, pois nos oferece uma âncora estável a partir da qual podemos interpretar tanto os movimentos dos objetos quanto os nossos próprios movimentos em relação a esse ponto estável.

Merleau-Ponty, portanto, descreve o espaço experimentado como uma entidade topológica, onde a percepção opera como um sistema diacrítico, referindo-se à percepção como um processo de distinguir e relacionar elementos, onde o significado e a compreensão surgem das diferenças e interações entre os componentes no espaço, em vez de serem baseados em elementos isolados. Isso significa que nossa compreensão do espaço não se refere apenas às dimensões físicas, mas envolve um aspecto relacional em que o indivíduo percebe o ambiente de uma forma que é influenciada por sua própria existência e consciência. O espaço não é apenas um pano de fundo, mas um participante ativo na formação de nossas experiências.

Neste artigo, o conceito de espaço utilizado fundamenta-se na descrição de Merleau-Ponty como um ‘espaço primordial e topológico’ (Merleau-Ponty, 1964, p. 263, tradução nossa). Este espaço é compreendido como uma voluminosidade que envolve o corpo humano, interagindo dinamicamente com ele. Não se trata de um espaço cartesiano, fixo, mas de um campo relacional que emerge das interações corporais e sensoriais. Como Merleau-Ponty aponta, ‘o espaço primordial é talhado em uma voluminosidade total que me cerca’ (Merleau-Ponty, 1964, p. 263, tradução nossa), evidenciando que o espaço é tanto uma extensão do corpo quanto um participante ativo na constituição de nossas experiências perceptivas e existenciais. É sob essa ótica que o trabalho desenvolve suas análises e propostas para a neuroarquitetura.

A mundanidade dos espíritos é assegurada pelas raízes que eles crescem, não certamente no espaço cartesiano, mas no mundo estético. O mundo estético a descrever como espaço de transcendência, espaço de impossibilidades, de fragmentação, de deiscência, e não como espaço objetivo-imanente. E, por consequência, o pensamento, o sujeito, a descrever também como uma situação espacial, com sua ‘localidade’. E, portanto, as ‘metáforas’ espaciais a entender como indivisão do ser e do nada. E, portanto, o sentido não é uma negação. (Merleau-Ponty, 1964, p. 265, tradução nossa).

Essa visão reforça a ideia de que o espaço e a percepção estão intimamente conectados, onde a experiência do espaço vai além da simples geometria, envolvendo uma interação profunda entre o ser e o ambiente. Na neuroarquitetura, essa abordagem é crucial para a criação de espaços que atendem às funções práticas, mas principalmente que ressoam com a existência e a consciência dos indivíduos, criando experiências significativas e integradas.

O Homem e o Espaço Construído

A interação entre o corpo e o espaço arquitetônico, entendido aqui como o ambiente físico projetado, é fundamental para a maneira como percebemos e navegamos pelos ambientes construídos. Essa interação, no entanto, envolve também uma dimensão perceptiva e sensorial, que transcende a materialidade do espaço. A neuroarquitetura, ao focar na experiência do usuário, reconhece que a configuração dos espaços é uma questão de forma, estética e função, mas também uma questão de como esses espaços influenciam nossa percepção corporal e emocional.

Harry Francis Mallgrave, renomado arquiteto e historiador da arquitetura, em sua obra *The Architect's Brain: Neuroscience, Creativity, and Architecture* (2010), explora como a neurociência pode informar o projeto arquitetônico, de modo a criar espaços que promovam o bem-estar mental e emocional, em linha com a visão de Merleau-Ponty sobre a interação entre corpo e espaço. Como Mallgrave aponta:

Três termos hierárquicos são primários na ordem sensorial de Hayek. O primeiro é a noção de ‘vínculo’, que ele define como o ‘efeito duradouro mais geral que grupos de estímulos podem imprimir



na organização do sistema nervoso central'. O vínculo pode ser visto como o processo pelo qual os circuitos neurais primários do cérebro se organizam de forma comportamental em resposta a estímulos externos. Eles não precisam ser conscientes, e a memória, por exemplo, é sempre um vínculo entre dois ou mais desses eventos. As conexões neurais formadas por esses vínculos ao longo do tempo, por sua vez, 'evidentemente reproduzirão certas regularidades na ocorrência de estímulos externos agindo sobre o organismo', o que Hayek chama de 'mapas'. [...] Finalmente, há o terceiro sistema neurológico do 'modelo', que é o 'padrão de impulsos que é traçado a qualquer momento dentro da rede de canais semi-permanentes'. Se os mapas constituem o registro neural de classificações passadas, os modelos são sistemas dinâmicos e específicos para o evento ambiental que está ocorrendo, mas ao mesmo tempo são limitados pela estrutura dos mapas existentes. (Mallgrave, 2010, p. 99, tradução nossa).

Enquanto Mallgrave aborda o espaço arquitetônico em termos de sua influência nas funções cerebrais e emocionais, Merleau-Ponty compreende o espaço como um campo relacional em constante interação com o corpo humano. Apesar de distintas, essas abordagens convergem ao reconhecer o impacto profundo do ambiente sobre a experiência humana. No entanto, enquanto Mallgrave privilegia a materialidade do espaço arquitetônico, Merleau-Ponty vai além, enfatizando a dimensão fenomenológica e sensorial, na qual o espaço é recriado pela interação dinâmica entre o corpo e o ambiente.

Merleau-Ponty e Mallgrave, embora partam de perspectivas distintas, convergem ao destacar que a relação entre o homem e o espaço construído não é estática ou meramente funcional, mas profundamente experiencial e perceptiva. Enquanto Merleau-Ponty introduz a ideia do 'espaço vivido' como uma relação topológica entre corpo e mundo, Mallgrave complementa essa visão ao explorar como os vínculos, mapas mentais e modelos de espaço emergem da interação humana com o ambiente arquitetônico. Ambos apontam para a premissa de que o espaço não é um modelo fixo e dado, mas um campo relacional que é continuamente construído pela percepção e pela experiência corporal.

Na neuroarquitetura, essa premissa é essencial, pois o projeto do espaço deve considerar como ele será experienciado, e não apenas como ele será visto ou medido. Um exemplo prático disso pode ser observado em projetos que incorporam elementos dinâmicos, como transições sensoriais entre áreas, que dialogam com a percepção corporal e emocional dos usuários. Essa abordagem traduz os conceitos teóricos de Merleau-Ponty e Mallgrave em estratégias concretas de projeto, evidenciando como a fenomenologia pode informar diretamente a prática arquitetônica. Assim, o espaço vivido, ao contrário de um modelo predefinido, é um processo em constante transformação que integra percepção, cognição e emoção.

Merleau-Ponty, por sua vez, observa que "o corpo é esse campo mesmo, um sensível que é dimensional de si mesmo" (Merleau-Ponty, 1964, p. 308, tradução nossa). Isso sugere que nossos corpos são mais do que entidades passivas, são participantes ativos na experiência dos espaços vivenciados. O modelo compositivo dos espaços deve, portanto, considerar as dimensões e os movimentos do corpo para criar uma interação harmoniosa entre o ser humano e o ambiente. Na neuroarquitetura, essa consideração se traduz na criação de espaços que vão além de acomodar, mas que promovem o bem-estar e a saúde mental dos usuários, levando em conta como o corpo se relaciona fisicamente com o ambiente.

Como exemplo, projetos que incorporam áreas de transição, como pátios internos com vegetação e luz natural, podem estimular uma interação mais sensorial e emocional com o espaço. Um caso notável é o *Salk Institute for Biological Studies*, localizado em La Jolla, Califórnia, projetado por Louis Kahn na década de 1960. Este marco da arquitetura moderna combina funcionalidade científica com uma estética que evoca a contemplação e a conexão fenomenológica. O pátio central icônico do *Salk Institute*, com sua fonte linear que se alinha ao horizonte do Oceano Pacífico, exemplifica como o espaço pode ser planejado para criar uma relação dinâmica entre o ambiente construído e seus usuários, favorecendo tanto o bem-estar quanto a criatividade. Esse projeto dialoga diretamente com o conceito de Merleau-Ponty, em que o espaço é mais do que habitado, mas sim experienciado como uma extensão do ser.

A experiência sensorial desempenha um papel crucial nesse processo. Merleau-Ponty destaca que "o sensível é precisamente esse meio onde pode haver ser sem que ele tenha que ser posicionado" (Merleau-Ponty, 1964, p. 263, tradução nossa), enfatizando que os espaços assim concebidos podem evocar respostas sensoriais que aprimoram nossa percepção de estar dentro desse espaço. Isso significa que a arquitetura deve considerar a estética visual, mas essencialmente também validar os outros sentidos — tato, olfato, audição e até o paladar — para que contribuam para a experiência total do espaço.

A experiência estética no espaço construído não pode ser dissociada da percepção corporal. A arquitetura que engaja os sentidos e evoca respostas emocionais cria uma conexão mais profunda entre o indivíduo e o espaço. Merleau-Ponty observa que "a estrutura do campo visual, com seus próximos, seus distantes, seu horizonte, é indispensável para que haja transcendência" (Merleau-Ponty, 1964, p. 280, tradução nossa). Isso indica que nossa presença corporal é essencial para experimentar a profundidade e a amplitude do espaço, permitindo-nos transcender a mera percepção visual e interagir com o mundo de forma mais holística. Portanto, a concepção projetual dos espaços deve considerar, além da funcionalidade, a maneira como esses espaços ressoam com o corpo e os sentidos humanos. Na neuroarquitetura, essa integração é fundamental para criar ambientes que promovam a saúde, o bem-estar e a conexão emocional dos usuários com o espaço. Ao



incorporar essas dimensões sensoriais e existenciais, a arquitetura deixa de ser apenas uma construção física, tornando-se um meio pelo qual as pessoas experimentam e interagem com o mundo de maneira significativa e enriquecedora.

Percepção do Espaço

Nesta seção, o conceito de espaço é abordado a partir de sua dimensão fenomenológica, como uma entidade relacional e experiencial, mediada pela percepção e pelo corpo. Embora o espaço arquitetônico constitua a base física dessa discussão, o foco recai sobre o espaço percebido e sensível, que emerge da interação ativa entre o corpo e o ambiente.

A percepção do espaço é mediada pelo corpo, que age como ponto de ancoragem entre o ambiente físico e a experiência sensorial. Merleau-Ponty destaca que “minha mobilidade é o meio de compensar a mobilidade das coisas e, portanto, de compreendê-las e de sobrevoá-las” (1964, p. 280, tradução nossa), sugerindo que o espaço é continuamente recriado pela interação entre o corpo e o ambiente físico. O autor descreve o espaço primordial como “topológico”, indicando que nossa percepção do espaço não é apenas visual, mas profundamente enraizada em nossas interações corporais com o meio físico. O termo ‘topológico’, originário da matemática, refere-se ao estudo de propriedades de continuidade e conectividade em espaços, mas Merleau-Ponty transforma essa noção em um conceito fenomenológico, onde o espaço é entendido como uma relação dinâmica entre corpo e ambiente. Isso desafia a visão cartesiana de um espaço fixo e objetivo, sugerindo que o espaço não é meramente geométrico, mas vivido e experienciado, sendo continuamente moldado pelas interações sensoriais e motoras do corpo.

Ele continua a criticar abordagens meramente fisiológicas ou intencionais da percepção:

Se restaurarmos essa visão vertical-perceptiva do mundo e do ser, não há necessidade de tentar construir no corpo objetivo, como faz a fisiologia nervosa, toda uma espessura de fenômenos nervosos ocultos, pelos quais os estímulos definidos objetivamente seriam elaborados em percepção total. A mesma crítica se aplica a essas reconstruções fisiológicas e à análise intencional: umas e outras não veem que nunca, com esses termos e essas relações positivas, se construirá a percepção e o mundo percebido. A tentativa é positivista: com o *innerweltlich*, com os traços do mundo, fabricar a arquitetônica do *Welt*. É um pensamento que age como se o mundo todo positivo fosse dado e como se fosse necessário fazer surgir dele a percepção do mundo considerada como inexistente a princípio. Essa problemática é do tipo: por que há uma percepção do mundo e não nenhuma percepção? É um pensamento causal, positivista, negativista. Partindo do positivo, ela é obrigada a cavar lacunas nele (o organismo como cavidade, a subjetividade como reduto do para Si) e quer paradoxalmente que essas lacunas sejam dispositivos, arranjos de funcionamentos nervosos... (Merleau-Ponty, 1964, p. 280, tradução nossa).

O termo ‘topológico’ em Merleau-Ponty refere-se à organização do espaço como um campo relacional, onde cada ponto está em constante interação com o corpo que o percebe. Essa noção, influenciada pela topologia matemática, subverte a visão cartesiana de um espaço objetivo e estático, propondo um espaço dinâmico e experiencial. No contexto da neuroarquitetura, isso sugere que o design deve considerar como o espaço é continuamente recriado pelas interações corporais, como em projetos que promovem fluidez e conectividade sensorial.

Merleau-Ponty rejeita tanto a visão positivista quanto as análises intencionais tradicionais, que explicam a percepção como resultado de processos fisiológicos ou relações causais. Para ele, o espaço não é uma construção derivada de estímulos isolados, mas um campo dinâmico que emerge da relação contínua entre o corpo e o mundo. Sua noção de ‘topológico’ apoia-se na ideia de continuidade e conectividade, inspirada pela topologia matemática, mas transformada em uma concepção fenomenológica. Esse entendimento desafia a visão cartesiana de um espaço estático e fragmentado, propondo, em vez disso, uma experiência integrada, onde o corpo organiza e dá sentido ao ambiente. A topologia, que estuda continuidade e conectividade, é transformada por Merleau-Ponty em uma visão filosófica do espaço como contínuo e dinâmico, onde o corpo interage com o ambiente de forma relacional, além da geometria. Na prática arquitetônica, esse conceito pode ser aplicado em espaços que favoreçam a mobilidade e a percepção sensorial por meio de layouts fluidos e contínuos. Um exemplo é o Museu Guggenheim de Nova Iorque, projetado por Frank Lloyd Wright, onde a rampa em espiral permite que o “corpo” perceba o espaço de maneira integrada, em vez de fragmentada. Esse projeto evidencia como o espaço arquitetônico pode ser moldado para ressoar com as dimensões perceptivas e relacionais descritas por Merleau-Ponty.

A complexidade da percepção, segundo Merleau-Ponty, também se manifesta na relação entre o visível e o invisível, uma interdependência que desafia a compreensão tradicional da visão. Ele explica que:

Quando eu digo, portanto, que todo visível é invisível, que a percepção é impercepção, que a consciência tem um ‘punctum caecum’, que ver é sempre ver mais do que se vê, — não se deve entender isso no sen-



tido de uma contradição — Não se deve imaginar que eu acrescento ao visível perfeitamente definido como em Si um não-visível (que seria apenas uma ausência objetiva) (ou seja, uma presença objetiva em outro lugar, em outro lugar em si) — Deve-se entender que é a própria visibilidade que comporta uma não-visibilidade — Na medida em que eu vejo, eu não sei o que vejo (uma pessoa familiar não é definida), o que não quer dizer que não haja nada lá, mas que a essência de que se trata é a de um raio de mundo tacitamente tocado — O mundo percebido (como a pintura) é o conjunto dos caminhos do meu corpo e não uma multidão de indivíduos espaço-temporais — O invisível do visível. É sua pertença a um raio de mundo — Há uma essência do vermelho, que não é a essência do verde; mas é uma essência que, por princípio, só é acessível através do ver, e é acessível desde que o ver é dado, não precisa mais ser pensado: ver é essa espécie de pensamento que não precisa pensar para possuir a essência — Está no vermelho como a lembrança do colégio em seu cheiro. (Merleau-Ponty, 1964, p. 295, tradução nossa).

A relação entre o visível e o invisível é fundamental no pensamento de Merleau-Ponty. O conceito de 'punctum caecum' (ponto cego) destaca a interdependência entre o que é percebido e o que permanece latente. Ele argumenta que nossa percepção é moldada não só pelo visível, mas também pelo que está ausente ou pressentido, ampliando a compreensão do espaço arquitetônico para além da forma visível. Merleau-Ponty descreve a invisibilidade como uma dimensão essencial que complementa o visível, conferindo profundidade e contexto à experiência perceptiva. Não se trata de ausência ou vazio, mas de uma presença implícita que se revela na interação do corpo com o espaço. Essa perspectiva desafia a arquitetura clássica, que se limita a formas geométricas visíveis, propondo uma abordagem que incorpore elementos simbólicos, emocionais e temporais. Por exemplo, espaços que evocam memórias ou que sugerem continuidade com o entorno natural podem reforçar essa dimensão invisível, promovendo uma experiência mais rica e integrada do ambiente. Assim, o invisível não apenas amplia a percepção, mas redefine o espaço como um campo de possibilidades sensoriais e emocionais.

Como já mencionado, Merleau-Ponty afirma que “há um ponto de fixação que não se move nos movimentos do meu corpo”, portanto, esse “ponto de referência fixo” que o corpo fornece é crucial para a percepção do espaço, pois nos oferece uma âncora estável a partir da qual podemos interpretar tanto os movimentos dos objetos quanto os nossos próprios movimentos em relação a esse ponto estável.

Segundo ele, a percepção é como uma abertura para o mundo, onde o sensível atua como a passagem através da qual nos conectamos ao ambiente ao nosso redor. Para Merleau-Ponty, o ‘sensível’ é mais do que uma qualidade física; é uma dimensão relacional que conecta o corpo ao mundo. Ele descreve o sensível como um meio através do qual elementos como luz, textura e temperatura se tornam portadores de significado, moldando a experiência perceptiva. Na arquitetura, isso implica que o projeto deve integrar qualidades sensíveis que dialoguem com o corpo, criando ambientes que transcendam a funcionalidade e evoquem experiências emocionais e estéticas. Ele compara essa percepção à prática de um cirurgião, que, ao abrir um corpo, revela os órgãos em plena atividade.

A percepção me abre o mundo como o cirurgião abre um corpo, percebendo, pela janela que ele criou, órgãos em pleno funcionamento, vistos de lado. É assim que o sensível me inicia no mundo, como a linguagem nos outros: por invasão, transgressão. A percepção não é percepção de coisas primeiro, mas percepção de elementos (água, ar), de raios do mundo, de coisas que são dimensões, que são mundos; eu deslizo sobre esses ‘elementos’ e me encontro no mundo, deslizo do ‘subjeto’ ao Ser. (Merleau-Ponty, 1964, p. 267, tradução nossa).

Essa analogia ilustra a percepção como um processo de descoberta e interação, em que o corpo atua como um mediador entre o indivíduo e o mundo. No contexto arquitetônico, isso reforça a ideia de que o projeto deve oferecer espaços que convidem à exploração e ao engajamento sensorial, ampliando a conexão do usuário com o ambiente. Merleau-Ponty destaca que essa interação entre o corpo e o mundo ocorre em um campo de elementos, como água, ar e luz, que constituem o tecido relacional da percepção. Essa abordagem sugere que o espaço arquitetônico deve ser projetado para criar uma continuidade entre o ambiente e o corpo, permitindo que as percepções fluam de forma integrada. Um exemplo seria a utilização de materiais que respondam à luz natural, superfícies que convidem ao toque ou configurações espaciais que incentivem o movimento. Dessa forma, a experiência sensorial do espaço deixa de ser passiva e se torna um processo ativo de co-criação, onde o usuário explora e interage com o ambiente, ressoando com a ideia fenomenológica de Merleau-Ponty.

A compreensão fenomenológica de Merleau-Ponty sobre o espaço se alinha à neuroarquitetura, pois ambas reconhecem a interação entre o corpo e o ambiente. Merleau-Ponty enfoca essa interação como uma co-criação perceptiva, um conceito que ressoa com a abordagem neuroarquitetônica de projetar espaços que influenciam os sentidos e estados emocionais.

Em síntese, o espaço, sob a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, transcende sua materialidade física para se manifestar como um campo relacional e sensível. Essa visão permite compreender que a percepção espacial não é apenas a apreensão do ambiente arquitetônico, mas uma interação dinâmica e contínua, onde o corpo e o mundo se afetam mutuamente.



A arquitetura, no contexto dos conceitos de Merleau-Ponty, pode ser entendida como uma prática que materializa o vínculo entre corpo e ambiente. Por exemplo, o espaço arquitetônico, ao ser projetado para envolver o corpo em movimento, facilita uma relação dinâmica entre o indivíduo e o mundo. Um ambiente projetado com elementos fluídos e conectivos, como rampas ou trajetórias sensoriais, pode estimular a percepção do espaço como uma extensão do corpo, promovendo uma interação mais orgânica e integrada.

Merleau-Ponty nos convida a pensar a percepção como um processo ativo, no qual o corpo não simplesmente responde ao ambiente, mas também o co-cria. Essa co-criação pode ser observada em projetos arquitetônicos que buscam evocar além da funcionalidade, mas também uma experiência sensível e relacional. O **Pavilhão de Barcelona**, projetado por **Ludwig Mies van der Rohe**, que foi originalmente construído em 1929 para a Exposição Internacional de Barcelona, na Espanha, é um exemplo icônico: suas linhas abertas, superfícies reflexivas e materiais naturais criam uma relação de continuidade entre o espaço interno e externo, entre o corpo que o ocupa e o ambiente que o circunda.

Para além da forma visível, a arquitetura também dialoga com as dimensões invisíveis da experiência, como a memória, a emoção e o sentido de pertencimento. Um parque urbano, por exemplo, pode ser projetado para evocar um sentimento de refúgio ou para estimular a conexão com a natureza e até mesmo um senso de comunidade. Esse vínculo com o invisível amplia a função do espaço arquitetônico, transformando-o em um mediador da experiência existencial humana.

Intercorporeidade e Experiência Compartilhada

No contexto que aborda a intercorporeidade e a experiência compartilhada, o conceito de espaço é tratado como uma dimensão compartilhada e relacional, na qual as experiências corporais dos indivíduos interagem para moldar percepções coletivas. A noção de espaço, aqui, transcende sua materialidade física, sendo compreendida como um campo fenomenológico e intersubjetivo, onde a empatia e a conexão humana emergem como elementos centrais.

Para promover a empatia e a conexão humana, ambientes colaborativos, como escritórios abertos que incluem áreas de convivência, podem servir como exemplo prático. Um caso relevante é o *Google Campus London*, inaugurado em 2012 no bairro de Shoreditch, em Londres, um dos principais polos tecnológicos da cidade. Este espaço foi projetado para estimular a interação entre *startups* e empreendedores, oferecendo áreas de *coworking*, salas de reuniões e ambientes de convivência que incentivam a troca de ideias e a colaboração. O projeto do *Campus London* reflete o conceito de intercorporeidade de Merleau-Ponty, ao criar um espaço que acomoda atividades práticas, promovendo ainda conexões interpessoais e um senso de pertencimento entre seus usuários.

A intercorporeidade, conceito central na fenomenologia de Merleau-Ponty, descreve a profunda conexão entre as experiências corporais dos indivíduos, o que é fundamental para a compreensão da empatia e da experiência compartilhada do espaço. Na neuroarquitetura, essa compreensão é essencial, pois o projeto de ambientes deve considerar como os espaços influenciam e são influenciados por essas interações corporais.

Os autores já citados Juhani Pallasmaa e Harry Francis Mallgrave, agora em conjunto com Michael Arbib, neurocientista e pioneiro na pesquisa sobre as bases neurais da percepção e ação, exploram na obra *Architecture and Neuroscience* (2013) como os ambientes construídos podem promover a empatia e a conexão humana, uma ideia que se alinha com o conceito de intercorporeidade de Merleau-Ponty. A abrangência da obra traz uma perspectiva única ao explorar como os espaços podem moldar a interação social e a experiência compartilhada. Eles argumentam que:

Mas, indo além do estudo do cérebro dentro de uma única cabeça, precisamos avaliar como nós, ‘como pessoas’, experienciamos não apenas o mundo físico, mas também o mundo social. O que nos faz ser uma pessoa, em vez de apenas um conjunto de áreas cerebrais com um conjunto de músculos? E além disso, o que há na participação em um grupo social que determina quem somos como indivíduos? Interações sociais, assim como interações corporificadas, moldam quem somos. (Pallasmaa, Mallgrave & Arbib, 2013, p. 45, tradução nossa).

Merleau-Ponty, sobre este ponto, observa que:

A experiência do meu corpo e a do outro são, na verdade, os dois lados de um mesmo Ser: onde digo que vejo o outro, na verdade acontece sobretudo que objetifico meu corpo, o outro é o horizonte ou o outro lado dessa experiência — É assim que falamos ao outro, embora tenhamos que lidar apenas com nós mesmos. (Merleau-Ponty, 1964, p. 274, tradução nossa).

Essa colocação reforça a ideia de que nossas experiências corporais não são isoladas; elas estão interconectadas em um espaço percebido e relacional, onde a percepção de nosso próprio corpo está intrinsecamente ligada à percepção do corpo do outro, criando um campo de interação compartilhada. Essa intercorporeidade promove a empatia, pois entender nossa própria presença física em relação aos outros nos permite compar-



tilhar e ressoar com suas experiências. Em contextos de neuroarquitetura, essa conexão é crucial para criar espaços que respondam às necessidades e emoções humanas, promovendo ambientes que facilitam a interação empática.

Além disso, a ideia de que “o visível do outro é meu indivisível; meu visível é o invisível do outro” (Merleau-Ponty, 1964, p. 265, tradução nossa) ilustra como nossas percepções do espaço estão interligadas. Essa visão sugere que cada pessoa experimenta o espaço de maneira única, mas essas experiências são compartilhadas e interdependentes. Na neuroarquitetura, reconhecer que os ambientes influenciam como percebemos e interagimos uns com os outros pode levar a projetos que promovam um senso de comunidade e pertencimento, fortalecendo as experiências compartilhadas e o bem-estar geral dos indivíduos nesses espaços.

O movimento e a interação desempenham um papel vital nesse processo. Merleau-Ponty observa que “o sentido invisível é a estrutura da palavra — O mundo da percepção invade o do movimento (que também é visto) e, inversamente, o movimento tem [olhos?]” (Merleau-Ponty, 1964, p. 273, tradução nossa). Essa afirmação aponta que nossas percepções não são estáticas; elas são continuamente moldadas pelo movimento e pela interação dentro do espaço. Na neuroarquitetura, projetar ambientes que incentivem o movimento e a interação facilita a empatia e promove conexões mais profundas entre os indivíduos, permitindo que eles se envolvam com o ambiente e uns com os outros de maneiras significativas.

O ambiente construído é, em tradução, um espaço compartilhado que molda experiências coletivas. A noção de que “meu visível é o invisível do outro” enfatiza que nossa compreensão do espaço não é isolada; é uma experiência comunitária que promove empatia e conexão. Esse aspecto compartilhado do ambiente melhora nossa percepção, tornando-a uma experiência coletiva em vez de solitária. Merleau-Ponty reflete sobre essa dimensão comunitária do sensível ao apresentar que:

O sensível é precisamente esse meio onde pode haver ser sem que ele tenha que ser posicionado; a aparência sensível do sensível, a persuasão silenciosa do sensível, é o único meio para o Ser se manifestar sem se tornar positividade, sem deixar de ser ambíguo e transcendente. O próprio mundo sensível no qual basculamos, e que faz nosso vínculo com o outro, que faz com que o outro exista para nós, não é, justamente como sensível, ‘dado’ senão por alusão — O sensível é isso: essa possibilidade de ser evidente em silêncio, de ser subentendido, e a suposta positividade do mundo sensível (quando é escrutada até suas raízes, quando se vai além do sensível-empírico, do sensível secundário de nossa ‘representação’, quando se revela o Ser da Natureza) revela-se justamente como um inatingível, só se vê finalmente no sentido pleno a totalidade onde estão recortados os sensíveis. O pensamento está apenas um pouco mais além ainda dos visíveis. (Merleau-Ponty, 1964, p. 263, tradução nossa).

Essa reflexão suporta a ideia de que a experiência do espaço é uma interação silenciosa e sutil, onde o sensível cria um vínculo entre as pessoas, conectando-as de maneiras que transcendem a simples presença física. Na neuroarquitetura, considerar esses aspectos compartilhados e comunitários do ambiente é essencial para criar espaços que promovam a empatia, a conexão e o bem-estar coletivo. Portanto, na perspectiva de Merleau-Ponty, o espaço compartilhado não é tão somente um local físico, mas um campo fenomenológico no qual as interações corporais e a percepção intersubjetiva moldam nossas experiências. Na neuroarquitetura, esse entendimento é essencial para projetar ambientes que promovam a empatia e fortaleçam a conexão entre os indivíduos, considerando o espaço como um elemento ativo na experiência humana.

Estética e Existência

A experiência estética no espaço construído vai além da mera apreciação visual; ela envolve uma profunda interação sensorial e emocional que é central para a nossa existência. A arquitetura, ao engajar os sentidos e evocar respostas emocionais, tem o poder de conectar os indivíduos ao ambiente de uma maneira que ressoa com suas experiências mais íntimas e profundas. Ao retomarmos Juhani Pallasmaa em sua obra *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses* (2012), voltamos ao argumento de que a estética arquitetônica deve engajar os sentidos e criar uma experiência profunda e significativa, o que complementa a visão de Merleau-Ponty sobre a estética como uma experiência sensorial e existencial. Como Pallasmaa observa:

A autenticidade da experiência arquitetônica está enraizada na linguagem tectônica da construção e na compreensibilidade do ato de construir para os sentidos. Contemplamos, tocamos, ouvimos e medimos o mundo com toda a nossa existência corporal, e o mundo experiencial torna-se organizado e articulado em torno do centro do corpo. Nosso domicílio é o refúgio do nosso corpo, memória e identidade. Estamos em constante diálogo e interação com o ambiente, a tal ponto que é impossível separar a imagem de si mesmo de sua existência espacial e situacional. ‘Eu sou meu corpo’, afirma Gabriel Marcel, mas ‘Eu sou o espaço onde estou’, estabelece o poeta Noël Arnaud. (Pallasmaa, 2012, p. 69, tradução nossa).

Sobre esta consideração, Merleau-Ponty sugere que “o ser e a verdade massivos fervejam de detalhes impossíveis” (Merleau-Ponty, 1964, p. 19, tradução nossa), indicando que a experiência estética é com-



posta de inúmeros elementos que, juntos, criam um conjunto rico de sensações e significados. Esses detalhes não são simplesmente adornos superficiais; eles são fundamentais para a maneira como percebemos e experimentamos o espaço. A arquitetura, nesse contexto, é mais do que uma construção física, mas uma forma de expressão que engaja nossos sentidos e emoções, promovendo um senso de conexão e pertencimento.

Essa inter-relação entre os elementos sensoriais e o espaço é fundamental para criar uma experiência estética rica e multifacetada. Merleau-Ponty enfatiza que essa particularidade dos elementos sensoriais, como a cor, não apenas se manifesta como uma característica isolada, mas como uma dimensão que se conecta e transgride o todo do ambiente. Ele observa que:

Ora, essa particularidade da cor, do amarelo, e essa universalidade não são contradição, são juntas a sensorialidade mesma: é pela mesma virtude que a cor, o amarelo, ao mesmo tempo se dá como um certo ser e uma dimensão, a expressão de todo ser possível. O próprio do sensível (como da linguagem) é ser representativo do todo não por relação signo-significação ou por imanência das partes umas às outras e ao todo, mas porque cada parte é arrancada do todo, vem com suas raízes, invade o todo, transgride as fronteiras das outras. (Merleau-Ponty, 1964, p. 267, tradução nossa).

Essa visão ressalta como cada detalhe no espaço construído pode evocar uma resposta sensorial que transcende sua presença individual, contribuindo para uma experiência que é tanto perceptiva quanto existencial. Assim, a arquitetura, em seu nível mais profundo, é uma expressão do todo, onde cada elemento sensorial participa da criação de um ambiente que ressoa com a totalidade da experiência humana.

A experiência estética também tem uma dimensão existencial, onde o espaço construído pode influenciar as sensações e emoções humanas. Merleau-Ponty discute essa dimensão ao apontar que “o sensível é precisamente esse meio onde pode haver ser sem que ele tenha que ser posicionado; a aparência sensível do sensível, a persuasão silenciosa do sensível, é o único meio para o Ser se manifestar sem se tornar positividade, sem deixar de ser ambíguo e transcendente” (Merleau-Ponty, 1964, p. 263, tradução nossa). Essa colocação embasa como o sensível, e, por extensão, o espaço construído, pode evocar respostas que conectam os indivíduos de forma profunda e significativa com o ambiente, sem que isso precise ser verbalizado ou racionalizado.

A arquitetura, ao incorporar essas dimensões sensoriais e existenciais, se torna, então, mais do que uma mera construção física; ela se transforma em um meio pelo qual as pessoas experimentam e interagem com o mundo. Projetar espaços que engajem os sentidos e ressoem com as emoções e memórias dos indivíduos é crucial para criar ambientes que não apenas acomodem, mas que também elevem a experiência humana.

Percepção e Fragmentação

A percepção, segundo Merleau-Ponty, não é um processo linear ou unificado; ela é fragmentada e, através dessa fragmentação, revela a complexidade da existência humana. Essa ideia é particularmente relevante quando pensamos no espaço construído, que não é um mero conjunto de formas e funções, mas uma trama de experiências fragmentadas que, juntas, formam nossa compreensão do ambiente.

Merleau-Ponty destaca que:

A filosofia, precisamente como ‘Ser falando em nós’, expressão da experiência muda por si, é criação. Criação que é, ao mesmo tempo, reintegração do Ser: pois ela não é criação no sentido de uma das construções que a história fabrica: ela se sabe uma construção e quer se superar como pura construção, encontrar sua origem. É, portanto, criação em um sentido radical: criação que, ao mesmo tempo, é adequação, a única maneira de obter uma adequação. (Merleau-Ponty, 1964, p. 247, tradução nossa).

Essa visão filosófica nos leva a importância de reconhecer que a percepção é sempre uma forma de criação, onde cada fragmento de experiência contribui para a nossa compreensão do Ser. O ambiente construído serve como pano de fundo para a reflexão existencial. É por meio do nosso envolvimento com esses espaços que confrontamos questões de ser e identidade. O ambiente pode evocar um sentimento de pertença ou alienação, dependendo de como ele ressoa com nossas experiências e memórias pessoais. Essa conexão destaca a importância de considerar as dimensões emocionais e psicológicas do projeto arquitetônico. Merleau-Ponty explora essa ideia ao questionar se o objeto em si, como uma “coisa”, realmente existe de maneira pura em nossa experiência ou se essa existência já é uma interpretação secundária.

Se a coisa é isso, para nós que vivemos entre as coisas, deve-se perguntar se realmente ela está, de modo originário, envolvida em nosso contato com qualquer coisa, se é realmente por ela que podemos compreender o resto, se nossa experiência é por princípio experiência da coisa, se o mundo, por exemplo, é uma imensa coisa, se nossa experiência visa diretamente as coisas, se é bem a sua própria resposta que temos recolhido em estado puro, ou se, ao contrário, não introduzimos nela como essenciais elementos que são, na verdade, derivados e que também precisam de esclarecimento. A coisa, a pedra, a concha, dissemos, não têm o poder de existir contra tudo, elas são apenas forças suaves que desenvolvem suas



implicações desde que circunstâncias favoráveis estejam reunidas. Ora, se isso é verdade, a identidade da coisa consigo mesma, essa espécie de estabilidade própria, de repouso em si mesma, essa plenitude e essa positividade que lhe reconhecemos, já excedem a experiência, já são uma interpretação secundária da experiência. A partir das coisas tomadas em seu sentido nativo de núcleos identificáveis, mas sem nenhum poder próprio, só se chega à coisa-objeto, ao ‘Em Si’, à coisa idêntica a si mesma, impondo à experiência um dilema abstrato que ela ignora. (Merleau-Ponty, 1964, p. 212, tradução nossa).

A percepção, ora como um sistema diacrítico, também é relevante aqui. O espaço experimentado é descrito como uma entidade topológica, onde a percepção opera como este sistema diacrítico. Isso significa que nossa compreensão do espaço não se refere apenas às dimensões físicas, mas envolve um aspecto relacional em que o indivíduo percebe o ambiente de uma forma que é influenciada por sua própria existência e consciência. O espaço agora não mais é considerado como uma moldura, mas um participante ativo na formação de nossas experiências. Merleau-Ponty afirma que:

A mundanidade dos espíritos é assegurada pelas raízes que eles crescem, não certamente no espaço cartesiano, mas no mundo estético. O mundo estético a descrever como espaço de transcendência, espaço de impossibilidades, de fragmentação, de deiscência, e não como espaço objetivo-imanente. E, por consequência, o pensamento, o sujeito, a descrever também como uma situação espacial, com sua ‘localidade’. E, portanto, as ‘metáforas’ espaciais a entender como indivisão do ser e do nada. E, portanto, o sentido não é uma negação. (Merleau-Ponty, 1964, p. 265, tradução nossa).

Essa visão destaca a natureza complexa e fragmentada da percepção, onde cada elemento do espaço contribui para uma experiência que é tanto física quanto existencial. Na neuroarquitetura, considerar essa fragmentação como uma parte essencial da experiência pode levar ao design de espaços que acomodem as necessidades práticas dos usuários e que validem com a complexidade de sua existência.

Considerações Finais

Ao explorarmos os conceitos centrais da fenomenologia de Merleau-Ponty — corpo, percepção, intercorporeidade e estética — podemos informar e enriquecer a prática da neuroarquitetura. Através dessa perspectiva fenomenológica, reconhecemos o espaço construído não apenas como uma estrutura física, mas como uma extensão do ser humano, capaz de influenciar e ser influenciado por nossas experiências perceptivas e existenciais.

O corpo emerge como o ponto de ancoragem da experiência espacial, onde cada movimento e interação com o ambiente molda nossa percepção do espaço. Merleau-Ponty nos lembra que “o corpo não é meramente uma entidade física; ele é parte integrante da nossa percepção” (Merleau-Ponty, 1964, p. 254, tradução nossa). Isso destaca a importância de considerar o corpo e os sentidos como elementos essenciais na criação de espaços que ressoem profundamente com a experiência humana.

A intercorporeidade, por sua vez, nos leva a entender que a percepção do espaço é uma experiência compartilhada e comunitária. A empatia e a conexão entre os indivíduos são fomentadas por um design que considera essas interações corporais e perceptivas. Como Merleau-Ponty coloca, “a experiência do meu corpo e a do outro são, na verdade, os dois lados de um mesmo Ser” (Merleau-Ponty, 1964, p. 274, tradução nossa), sugerindo que o ambiente construído deve facilitar essas interações, promovendo um senso de comunidade e pertencimento.

A estética, no contexto da neuroarquitetura, vai além da simples aparência visual; ela envolve uma interação profunda e significativa com o espaço, onde cada detalhe contribui para a criação de uma experiência rica e multifacetada. A arquitetura, ao engajar os sentidos e evocar respostas emocionais, tem o poder de conectar os indivíduos ao ambiente de uma maneira que ressoa com suas experiências mais íntimas e profundas.

Por fim, a consideração das múltiplas dimensões do espaço e da percepção nos leva a reconhecer a complexidade intrínseca da experiência humana. O espaço construído, entendido tanto em sua materialidade física quanto em sua manifestação perceptiva e sensorial, não é mais concebido como uma entidade unificada, mas como um campo dinâmico e relacional, formado por um conjunto de experiências que se entrelaçam para moldar nossa compreensão do ambiente. Na neuroarquitetura, essa multiplicidade de dimensões não representa um obstáculo, mas uma oportunidade para criar espaços que reflitam e respondam à diversidade e à complexidade da vida humana.

Este estudo demonstrou que a integração dos conceitos fenomenológicos de Merleau-Ponty na neuroarquitetura oferece uma base teórica significativa para compreender o espaço como uma extensão do ser humano, capaz de transcender as necessidades funcionais e estéticas. Essa perspectiva multifacetada permite projetar ambientes que promovam conexão humana, enriquecimento sensorial e elevação da qualidade de vida. Além disso, os resultados destacam que o espaço é mais do que um pano de fundo para a vida cotidiana, mas um participante ativo na construção das experiências perceptivas e existenciais. Ao propor esse diálogo inédito entre a fenomenologia e a prática arquitetônica, a neuroarquitetura reforça a relevância de abordagens



interdisciplinares na prática projetual e contribui para o avanço científico ao oferecer ferramentas teóricas e práticas para projetar espaços que atendam às dimensões sensoriais, relacionais e existenciais da experiência humana.

Referências

- Eberhard, J. P. (2009). *Brain landscape: the coexistence of neuroscience and architecture*. New York: Oxford University Press.
- Marangoni, P. H. S. D., & Verissimo, D. S. (2021). O transbordamento do olhar: percepção e atitude categorial em Gurwitsch e Merleau-Ponty. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 2(2), 155–167. <https://doi.org/10.62506/phs.v2i2.120>. Disponível em: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/120>
- Mallgrave, H. F. (2010). *The architect's brain: neuroscience, creativity, and architecture*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Merleau-Ponty, M. (1964). *Le visible et l'invisible*. Paris: Éditions Gallimard.
- Pallasmaa, J. (2012). *The eyes of the Skin: architecture and the senses* (3rd ed.). Chichester: John Wiley & Sons.
- Pallasmaa, J., Mallgrave, H. F.; & Arbib, M. (2013). *Architecture and neuroscience*. Espoo: Tapio Wirkkala Rut Bryk Foundation.

Recebido em 28.08.2024 – Primeira Decisão Editorial em 04.12.2024 – Aceito em 21.01.2025